LES DEMOISELLES DE ROCHEFORT

José Carlos Avelar

Se uma frase pode caracterizar bem o mundo despreocupado em que movimentam os personagens de Jacques Demy é aquela da mãe de Geneviève em **Les Parapluies de Cherbourg** (Os Guarda-Chuvas do Amor): só se morre de amor no cinema. Um mundo de acasos, de reencontros, de um constante movimento, onde todos estão presos a um destino que se cumpre quaisquer que sejam os caminhos tomados. A realidade em que se situam os personagens de Demy está além dos problemas que encontramos dia a dia. E nossa vida é que funciona como uma espécie de cinema na Chergourg ou na Rochefort recriada por Demy, e nós somos certamente uma usina de maus sonhos.

Rochefort, ainda mais que Cherbourg, está num mundo agradável, bem humorado, e lá três procuram reunir-se por caminhos longos, embora estejam, sem saber, quase ao lado um do outro: Solange (Françoise Dorléac), que procura seu editor e é procurada por êle, ou o marinheiro pintor (Jacques Perrin), que procura seu ideal feminino e é procurado por êle, ou ainda Monsieur Dame (Michel Piccoli), que procura a mulher (Danielle Darrieux) que fugiu para o México para não ser chamada de Madame Dame. Uma historieta que explora todos os lugares comuns e que está para o filme como os pequenos potes e garrafas estão para a pintura de Morandi. No cinema moderno de Jacques Demy pessoas e fatos aparecem mais como a idéia de pessoas e fatos que como individualidade, e o artista dêles se vale para construir uma forma através da qual nos trás uma alegria tão enorme quanto a tranqüilidade que Morandi comunica através das luzes, côres e composição de seus pequenos potes e garrafas.

Um filme marcado pela fotografia de Ghislain Cloquet e a música de Michel Legrand, **Les Demoiselles de Rochefort** é de uma alegria contagiante.